



## **TRISTES II DE OVÍDIO: UM PEDIDO A AUGUSTO**

Patricia Prata  
IEL / UNICAMP

**Resumo:** O intento deste trabalho é mostrar como o jogo alusivo presente nos *Tristes* pode auxiliar a veemente súplica ovidiana, a qual perpassa toda a obra e não somente o livro II, ao provocar a comiserção do Imperador pela situação de sofrimento do exilado. Para tanto, apresentaremos o caráter de nosso protagonista na obra, o de um “herói” às avessas, elegíaco, e relacionaremos mais de perto o livro II com a elegia I, 2, ambos os textos caracterizados como *suasoriae*.

**Palavras-chave:** Ovídio, *Tristes*, Augusto, Virgílio, Eneida, jogo alusivo.

**Abstract:** The purpose of this study is to show how the allusive game present in *Tristia* can help Ovidian vehement supplication, which runs through all the work and not only Book II, by provoking the commiseration of the Emperor by the state of suffering of the exiled. To this end, we will present the character of our protagonist in the work, that of a "hero" in reverse, elegiac, and will relate more closely Book II with the elegy I, 2, both texts being characterized as *suasoriae*

**Keywords:** Ovide, *Tristia*, August, Vergil, Eneid, allusive game.

### **1. Argumento**

O segundo livro dos *Tristes* de Ovídio, diferentemente dos demais que compõem a obra, é composto por uma elegia única de 578 versos, endereçada a Augusto. Nesse livro, o poeta se defende e justifica sua condição de exilado, bem como elogia o imperador, o qual é comparado a Júpiter (como o faz em outras elegias). Nessa elegia, então, Ovídio estabelece para si um *ethos* que seja capaz de demover Augusto de sua decisão, que possa agradá-lo e, com isso, persuadi-lo a perdoar-lhe ou amenizar sua sentença: se não for da vontade de Augusto perdoar-lhe o erro, o que implica na revogação da sentença de exílio, que ele, ao menos, o envie a um lugar mais seguro para cumprir sua pena.

Prata, Patricia  
*Tristes* II de Ovídio: um pedido a Augusto

## 2. O *ethos* ovidiano e o jogo alusivo com a *Eneida*<sup>1</sup>

Para traçar o perfil de nosso protagonista, partiremos das semelhanças e diferenças observadas entre ele e Enéias, apontando algumas alusões percebidas nos *Tristes* à *Eneida* de Virgílio. Primeiramente, cabe apresentar esse protagonista, uma vez que se confunde com o próprio Ovídio, pois quase toda a obra foi escrita em primeira pessoa (com exceção das elegias III, 2 e V, 4, em que o protagonista é o próprio livro). Não devemos, todavia, pensar esse protagonista como a representação do autor de “carne-e-osso”, mas sim como a *persona* criada na e pela obra, a qual se mistura à figura do autor, compondo seu caráter e nos fazendo crer que é o próprio e que o que temos é sua história real, verdadeira.

Esse protagonista nos leva a considerar, em princípio, que a obra é meramente a narração pura e verdadeira da vida do poeta após seu exílio, bem como uma autobiografia nos momentos em que relata fatos de sua vida privada e pública (como data de nascimento, família, cargos etc.). Contudo, na leitura que nos propomos, o protagonista Ovídio é um personagem, cujas características foram estabelecidas dentro de um sistema literário e, por isso, ele é significado e entendido a partir sistema: a literatura latina se fundamenta no processo alusivo, designado *imitatio* pelos romanos, que consiste na retomada de modelos que fazem parte de uma mesma tradição literária, na reelaboração de formas e temas já consagrados<sup>2</sup>. Partindo desse pressuposto, verificamos que a obra ovidiana estabelece um diálogo constante com a *Eneida*: o protagonista elegíaco alude ao herói épico virgiliano; seu “caráter” (*ethos*) é construído, tomando como modelo as características mais determinantes de Enéias.

Nossa leitura foi impulsionada pelo símile presente na elegia I, 3, 24-25<sup>3</sup>, em que Ovídio compara seus infortúnios aos de Tróia: trazer a imagem de Tróia é trazer o contexto épico presente na *Eneida*, pois é nesse texto em que encontramos a narração completa da última noite da cidade antes de sua destruição. E a semelhança que divisamos entre as elegias I, 2, 3 e 4 e os cantos I, II e III, respectivamente, nos evidencia o sutil jogo alusivo entre os

---

<sup>1</sup> O texto que segue é uma síntese do capítulo II de nossa tese de doutorado, *O Caráter Intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*, 2007, p. 53-100, realizada com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Para referência completa, ver bibliografia.

<sup>2</sup> Como nos diz Vasconcellos: “Os antigos Romanos sempre tiveram consciência de que sua literatura era, na quase totalidade, literatura de ‘segundo grau’, isto é, uma reelaboração criativa de formas e temas emprestados à cultura grega, considerada exemplar, paradigma de excelência” (2001, 13).

<sup>3</sup> *Si licet exemplis in paruo grandibus uti, / Haec facies Troiae, cum caperetur, erat* (“Se é lícito servir-se de grandes exemplos no pequeno, / Este era o aspecto de Tróia quando capturada”). Todas as traduções dos *Tristes* aqui citadas são nossas.

Prata, Patricia  
*Tristes* II de Ovídio: um pedido a Augusto

*Tristes* e a *Eneida*: a aproximação da sorte dos protagonistas. Ovídio, exilado pelo destino assim como Enéias, um *fato profugus*, encontra-se em alto-mar em meio a uma tempestade avassaladora. Ovídio é um joguete do acaso, atirado por terras e mares em busca do desconhecido, assim como Enéias é *iactatus et terra et alto*. Entretanto, a sorte de Ovídio é mais lamentosa (elegíaca), pois, enquanto Enéias se encontra a vagar em busca da terra onde será construída sua nova pátria e a descendência romana, Ovídio parte de sua terra natal em busca de terras bárbaras, localizadas nos confins do mundo.

Na elegia I, 2, as peripécias do desterro são introduzidas no livro do mesmo modo que se iniciam os textos épicos: *in medias res*<sup>4</sup>. O fato de a “história” do exílio de Nasão começar sem antes ter sido relatado o episódio anterior à viagem propriamente dita e pela narração desse *a posteriori* pelo protagonista<sup>5</sup> faz com que o procedimento narrativo do livro I de Ovídio se assemelhe ao de textos épicos como a *Eneida* e a *Odisséia*. É, todavia, ao canto I da *Eneida* que essa elegia ovidiana mais se assemelha. Assim como Enéias se encontra, em tal canto, navegando da Sicília para a Itália após ter deixado Tróia, sem nos ter sido relatado de antemão por que e como deixou sua pátria, quando uma tempestade, provocada pela ira de Juno, precipita-se sobre sua frota, o protagonista dos *Tristes* nos é apresentado na elegia I, 2 em alto-mar a caminho do exílio, suplicando aos deuses em meio a uma tempestade avassaladora, sem relatar como se deram seus últimos momentos antes de deixar Roma.

A súplica de Ovídio<sup>6</sup>, proferida no momento em que sobrevém a tormenta marítima, pode ser comparada à invocação de Enéias<sup>7</sup>, pois essa também é incitada pela tempestade que

---

<sup>4</sup> E como devem se iniciar, como sugere Horácio em sua *Epístola aos Pisões*, quando expõe o procedimento narrativo comum às epopéias: *Nec reditum Diomedis ab interitu Meleagri, / nec gemino bellum Troianum orditur ab ovo; / semper ad euentum festinat et in medias res / non secus ac notas auditorem rapit, (...)* - “Nem o regresso de Diomedes inicia pela morte de Meléagro, / nem a guerra de Tróia pelo par de ovos; / sempre se apressa para o desenlace e **em meio aos fatos**, / como se fossem já conhecidos, lança o ouvinte (...)” (Hor., *Art. poet.*, 146-149; tradução e grifos nossos). A locução *in medias res* utilizada por Horácio nesse excerto passou a caracterizar tal procedimento narrativo.

<sup>5</sup> Esse episódio é narrado em *flash-back* na elegia I, 3.

<sup>6</sup> *Di maris et caeli - quid enim nisi uota supersunt? - / Soluere quassatae parcite membra ratis! / Neue, precor, magni subscribite Caesaris irae! / Saepe premente deo fert deus alter opem. / Mulciber in Troiam, pro Troia stabat Apollo; / Aequa Venus Teucris, Pallas iniqua fuit; / Oderat Aeneam propior Saturnia Turno; / Ille tamen Veneris numine tutus erat. / (...) / Et nobis aliquod, quamuis distamus ab illis / Quis uetat irato numen adesse deo? (Tr. I, 2, 1-12).* (“Deuses do mar e do céu - pois o que me restam, senão súplicas? / Parai de destroçar os membros desta nau abalada! / E não vos associeis, suplico, à ira do grande César! / Muitas vezes, quando um deus persegue, um outro deus vem em socorro. / Vulcano estava contra Tróia, a favor de Tróia, Apolo; / Vênus foi favorável aos Teucros, Palas, contrária. / Odiava a Enéias Saturnia propícia a Turno / Ele, contudo, era protegido pelo nome de Vênus. / Muitas vezes o feroz Netuno perseguiu o cauto Ulisses; / Minerva, muitas vezes, arrebatou-o de seu tio paterno. / Também a mim, ainda que inferior a eles, / Quem impede que algum nome proteja contra a ira do deus?”).

Ele, contudo, era protegido pelo nome de Vênus.

Prata, Patricia  
*Tristes* II de Ovídio: um pedido a Augusto

se abateu sobre a frota do herói virgiliano, após a dispersão dos ventos feita por Éolo a pedido de Juno. Além disso, a súplica ovidiana faz referência ao jogo de forças que se instaura entre os deuses na *Eneida*. Essa elegia alude tanto aos deuses que se colocam contra Tróia e perseguem os teucros (Vulcano, Palas e Juno), como aos que auxiliam os troianos e Enéias (Apolo e Vênus) ao longo da épica virgiliana<sup>8</sup>. Ovídio, então, ao invocar os deuses que têm um papel fundamental na *Eneida*, para que o protejam da ira de César, caracterizado aqui como um deus colérico (v. 12, *irato...deo*), roga obter a mesma sorte de Enéias: ser socorrido por algum nume propício.

Também o terror de Nasão de se encontrar como um brinquedo das águas e dos ventos, intensificado pela funesta possibilidade de morrer em meio ao oceano, a qual, como Ovídio mesmo expõe, apresenta um infeliz aspecto (I, 2, 51-56)<sup>9</sup>, o faz se aproximar do herói virgiliano<sup>10</sup>. A morte almejada por Nasão não é a infame ocorrida no mar, mas sim a que é proporcionada ou pelos fados ou pela espada (*fatoque suo ferroque*, v. 53), em terra firme e, se possível, na pátria junto aos seus (vv. 54-55)<sup>11</sup>. O desejo expresso por Ovídio é o mesmo que se encontra na invocação de Enéias (*En. I, 94-101*)<sup>12</sup>: o de ter perecido em Tróia junto

<sup>7</sup> *O terque quaterque beati,/ quis ante ora patrum Troiae sub moenibus altis/ contigit oppetere! o Danaum fortissime gentis/ Tydide, mene Iliacis occumbere campis/ non potuisse tuaque animam hanc effundere dextra,/ saeuos ubi Aeacidae telo iacet Hector, ubi ingens/ Sarpedon, ubi tot Simois correpta sub undis/ scuta uirum galeasque et fortia corpora uoluit!* (*En. I, 94-101*). (...“Afortunados/ Oh! três e quatro vezes, de Ílio às abas,/ Os que aos olhos paternos feneceram!/ Ó dos Dânaos fortíssimo Tidides,/ A alma em Tróia vertendo-me essa destra,/ Não ficar eu nos campos, onde o bravo/ Heitor de Eácide às lançadas, onde/ Sarpédon jaz magnânimo, onde o Símois/ Corpos e elmos de heróis e escudos tantos/ Arrebatados na corrente volve!” - trad.: Odorico Mendes, 1858, I, 106-115).

<sup>8</sup> Ovídio também faz referência a Odisseu, quando apresenta o deus que o persegue - Netuno - e a deusa que o protege - Minerva (I, 2, 9-10: *Saepe ferox cautum petiit Neptunus Ulixem;/ Eripuit patruo saepe Minerua suo*).

<sup>9</sup> *A! quotiens aliquo dixi properante: “Quid urges? / Vel quo festinas ire uel unde, uide.” / A! quotiens certam me sum mentitus habere / Horam propositae quae foret apta uiae. / Ter limen tetigi, ter sum reuocatus et ipse Indulgens animo pes mihi tardus erat.* (“Ah! Quantas vezes eu disse para aquele que me apressava: “Por que me apressas?” / Vê de onde devo partir e para onde me apressas em ir.” / Ah! Quantas vezes eu menti ter o momento certo / Que fosse conveniente para o caminho a seguir. / Três vezes toquei a porta, três vezes fui convidado a voltar; / O meu pé, complacente com meu espírito, era vagaroso”).

<sup>10</sup> Como comenta G. Ferrara (OVIDIO, 1944, p. 18), a morte por afogamento para os romanos era considerada *praeter naturam*, enquanto que gloriosa a que acontecia em terra, principalmente em batalha. Isso se deve ao fato de que os romanos consideravam necessárias as honras fúnebres e o depósito do corpo em um sepulcro, lugar considerado sagrado, uma vez que os antigos acreditavam que os mortos o habitavam. Por isso, faziam sacrifícios sobre as sepulturas para prestarem aos mortos honras e homenagens, impossibilitando, assim, que seus espíritos ficassem a vagar pela cidade. (Cf. PETERSMANN, 2002, p. 262-278).

<sup>11</sup> *Solita moriens ponere corpus humo, / mandare suis aliqua et sperare sepulcrum* (“Em terra sólita repousar o corpo moribundo / E fazer recomendações aos seus e esperar o sepulcro”).

<sup>12</sup> *O terque quaterque beati,/ quis ante ora patrum Troiae sub moenibus altis/ contigit oppetere! o Danaum fortissime gentis/ Tydide, mene Iliacis occumbere campis/ non potuisse tuaque animam hanc effundere dextra,/ saeuos ubi Aeacidae telo iacet Hector, ubi ingens/ Sarpedon, ubi tot Simois correpta sub undis/ scuta uirum galeasque et fortia corpora uoluit!* (“Afortunados/ Oh! três e quatro vezes, de Ílio às abas,/ Os que aos olhos paternos feneceram!/ Ó dos Dânaos fortíssimo Tidides,/ A alma em Tróia vertendo-me essa destra,/ Não ficar eu

Prata, Patricia  
*Tristes* II de Ovídio: um pedido a Augusto

aos seus, durante a guerra. Enéias louva a sorte dos que morreram em terra pátria e lamenta por Diomedes não o ter matado com suas próprias mãos (*tua...dextra*, v. 98), dando-lhe a felicidade de sucumbir onde jaz Heitor, morto pelo dardo (*telo*, v. 99) de Aquiles. Ainda que essa alusão seja indireta, pelo fato de não serem os mesmos vocábulos ou expressões utilizados em ambos os textos, Ovídio, ao utilizar o substantivo *ferro*, invoca para si uma morte guerreira e gloriosa. Assim, é lícito propor que Nasão se coloca na mesma posição do herói da *Eneida*, ao almejar uma morte com características épicas.

Observamos que o poeta usa, em outros momentos de seu livro, vocábulos que fazem referência ao universo bélico. Em I, 3, 35<sup>13</sup>, através dos substantivos *clipeum* e *uulnera*, cria uma imagem épica para afirmar quão inúteis são suas queixas dirigidas a César. Essa imagem, a de tomar o escudo tardiamente para enfrentar um combate perdido, alude à vã tentativa de Enéias de se armar para lutar pela pátria, pois Tróia já se encontra arruinada (II, 671-672)<sup>14</sup>. Em IV, 9, 15-16<sup>15</sup>, Ovídio diz a um inimigo que, se ele não tiver nenhuma possibilidade de se vingar pessoalmente, as Piérides lhe darão forças e armas (*Pierides uires et sua tela dabunt*, v. 16 – grifo nosso). Também em IV, 9, 27, endereçada, como a elegia anteriormente citada, a um inimigo, diz ser impelido a lutar, mas que ainda não tomou a corneta para dar o sinal do início da luta<sup>16</sup> e pede, no verso 31, que sua Musa toque a retirada<sup>17</sup>. Em V, 12, 53, em resposta a um amigo que lhe pede para se servir da poesia para amenizar seus infortúnios, expõe a ele os perigos que vive em Tomos, lugar que não pode lhe oferecer nada de pacífico e ameno como assunto para seus versos, a não ser armas (*Hic mihi praebebit carminis arma locus* – grifo nosso).<sup>18</sup>

Ovídio descreve a vida após o exílio como uma batalha, e escrever é a única arma de que pode se valer para lutar contra quem o detrata, para pedir socorro aos amigos, para fugir das aflições impostas, e sobretudo para tentar obter o perdão de César, o único deus que pode

---

nos campos, onde o bravo/ Heitor de Eácide às lançadas, onde/ Sarpédon jaz magnânimo, onde o Símois/ Corpos e elmos de heróis e escudos tantos/ Arrebatados na corrente volve!" - tradução: Odorico Mendes, 1858, I, 106-115).

<sup>13</sup> *Et quamquam sero clipeum post uulnera sumo* ("E, ainda que eu tome do escudo tardiamente, depois das feridas").

<sup>14</sup> *Hinc ferro accingor rursus clipeoque sinistra / insertabam aptans meque extra tecta ferebam* ("Daí, cinjo-me novamente com o ferro e, ajustando, / Introduzia a sinistra no escudo e me encaminhava para fora da casa" – tradução nossa).

<sup>15</sup> *Denique uindictae si sit mihi nulla facultas, / Pierides uires et sua tela dabunt*. ("Enfim, se não houver nenhuma possibilidade de me vingar, / As Piérides me darão forças e suas armas").

<sup>16</sup> *Iam feror in pugnas et nondum cornua sumpsit*. ("Já sou impelido a lutar e ainda não tomei da corneta").

<sup>17</sup> *Hoc quoque, quam uolui, plus est: cane, Musa, receptus* ("Isto também é mais do que desejei: toca, ó Musa, a retirada").

<sup>18</sup> "Este lugar fornecerá armas para meus versos."

Prata, Patricia  
*Tristes* II de Ovídio: um pedido a Augusto

salvá-lo<sup>19</sup>. Temos, então, um contraste com o herói da Eneida, pois as armas usadas por nosso “herói” elegíaco em suas “batalhas” são fornecidas pelas Musas, não por algum deus, como na epopéia virgiliana, em que as armas de Enéias são confeccionadas por Vulcano, a pedido de sua mãe, Vênus. A arma de que se serve, então, é a própria poesia.

Afora o uso metafórico desses termos que se referem ao universo bélico, observamos que em outros momentos esses são usados concretamente, pois o protagonista, como nos relata, teve de pegar em armas. Em IV, 1, 71-76, Ovídio nos conta que nunca foi afeito às armas: desde jovem evitava os combates e as milícias, preferia a suavidade dos versos; agora, velho, tem de tomar das armas para se proteger do lugar em que se encontra.<sup>20</sup> Em IV, 10, elegia em que nos conta sua vida, desde o nascimento até o momento atual, relata seu gosto pela poesia, à qual se volta, mesmo o tendo prejudicado<sup>21</sup>, e a necessidade que leva suas mãos não acostumadas a pegar em a armas (*Insolita cepi temporis arma manu*, v. 106). Na elegia V, 10, descreve a violência e a insegurança do lugar para onde foi enviado. De acordo com ele, os povos da região vivem em combate e, dada a insegurança do lugar, é difícil quem cultive os campos e quem ouse fazê-lo, enquanto lavra com uma das mãos, com a outra segura armas (*arma*, v. 24), assim como o pastor usa o elmo (*galea*, v. 25) para se proteger.<sup>22</sup>

Como vemos por essas passagens, Ovídio pega em armas por necessidade, não por gosto ou aptidão. Nosso protagonista, assim como Enéias, precisa, graças ao que o destino lhe reservou, agir como um herói, mas esse é às avessas, porque, diferentemente do herói épico virgiliano, que aceita seu destino e toma das armas heroicamente para conquistar o que lhe cabe, ele teme as armas e os combates e somente luta porque a situação assim o exige. Enéias aceita seu destino e cumpre as designações desse heroicamente; Ovídio repugna sua sina, mas como nada pode fazer para revertê-la, assume seu papel temerosamente.

Voltando à elegia I, 2, após narrar seu medo de morrer em meio ao pélagos, Ovídio invoca outra vez os deuses do céu e do mar na tentativa de reiterar seu pedido de ajuda,

---

<sup>19</sup> Veremos mais detalhadamente em seguida que Ovídio confere a Augusto *status* de deus.

<sup>20</sup> *Aspera militiae iuuenis certamina fugi, / Nec nisi lusura mouimus arma manu; / Nunc senior gladioque latus scutoque sinistram, / Canitiem galeae subicioque meam. / Nam dedit e specula custos ubi signa tumultus / Induimus trepida protinus arma manu.* (“Quando jovem, evitei os árduos combates da milícia / E não toquei em armas salvo por diversão; / Agora, já velho, submeto à espada meu flanco, / Ao escudo a sinistra e minhas cãs ao elmo. / Pois, logo que a sentinela de seu posto dá sinal de assédio / De pronto tomamos das armas com a mão trêmula”).

<sup>21</sup> Tal idéia, como veremos, aparece no exórdio da elegia II.

<sup>22</sup> V, 10, 23-25 - *Est igitur rarus rus qui colere audeat, isque / Hac arat infelix, hac tenet arma manu. / Sub galea pastor iunctis pice cantat auenis* (“É raro, pois, quem ouse cultivar os campos, e este infeliz / Com uma lavra e com a outra mão segura as armas. / Sob o elmo, toca o pastor com caniços juntados com pez”).

Prata, Patricia  
*Tristes* II de Ovídio: um pedido a Augusto

evitando, assim, sua morte (*Tr.* I, 2, 59-62; 65-68; 71-72)<sup>23</sup>. Para que sua súplica seja mais persuasiva, Ovídio argumenta que o desejo de Augusto é seu exílio e não sua morte; aliás, se o desejo do imperador fosse que Nasão sucumbisse, ele já o teria realizado sem precisar do auxílio divino (I, 2, 65-68). Dessa forma, o protagonista dos *Tristes* confere a Augusto um *status* de divindade, pode-se dizer, comparável a Júpiter, pois ele tem, de acordo com Ovídio, tanto ou maior poder que os seres superiores, já que suas decisões valem como leis e ele tem total controle sobre a sorte do desterrado (I, 2, 67-68).

Ovídio reiteradamente nos *Tristes* chama Augusto de deus, aproximando, assim, o caráter do protagonista ao de heróis épicos, cuja vida sofre influências divinas. Compara-se, principalmente, a Enéias, pois, assim como este, tem um deus que o ajuda (Vênus) e um que o persegue (Juno)<sup>24</sup>. Seu deus, todavia, é único; ele é, ao mesmo tempo, o perseguidor e o salvador<sup>25</sup>. Na elegia I, 2, fica evidente a ambigüidade do deus ovidiano, pois no verso 3 ele o apresenta como um deus irado, colérico (*Caesaris ira*); já no verso 61, ele abranda sua descrição através da antítese configurada pelo uso do substantivo *ira*, juntamente com o adjetivo *mitissima*: ainda que sua cólera contra o protagonista seja grande, ela é branda, pois ele é um deus clemente. Se na *Ilíada* um dos temas principais é o da ira de Aquiles, na *Odisséia*, o da cólera de Possêidon, a *Eneida* tem a ira de Juno; como nesses poemas épicos paradigmáticos, na narrativa dos *Tristes* há, portanto, um elemento divino comparável ao que aparece na tradição épica.

Citamos aqui algumas passagens que consideramos mais representativas da caracterização que Ovídio faz do Pai da pátria como um deus supremo. Nos versos I, 5, 57-70, Ovídio compara seus infortúnios aos de Ulisses, como também seu personagem a esse herói: o personagem elegíaco argumenta que sua "história" é tão digna ou mais de ser narrada pelos poetas que a de Odisseu, pois suas desventuras são maiores que as do personagem

---

23 *Pro superi uiridesque dei quibus aequora curae, / Vtraque iam uestras sistite turba minas / Quamque dedit uitam mitissima Caesaris ira, / Hanc sinite infelix in loca iussa feram! / (...) / Mittere me Stygias si iam uoluisset in undas / Caesar, in hoc uestra non eguisset ope / Est illi nostri non inuidiosa cruoris / Copia, quodque dedit, cum uolet, ipse feret. / (...) / Nec tamen, ut cuncti miserum seruare uelitis, / Quod periit saluum iam caput esse potest.* ("Ó deuses olímpicos e marinhos, que tendes o governo das águas, / Uns e outros, cessai já vossas ameaças / E permiti que eu, infeliz, leve esta vida, concedida pela / Brandíssima ira de César, ao local determinado! / (...) / Se enviar-me às águas estíguas já tivesse desejado / César, para isto não precisaria de vosso auxílio. / Ele tem poder, não odioso, sobre minha vida / E, o que deus, quando desejar, ele mesmo tirará. / (...) / Todavia, mesmo que todos desejais salvar um infeliz, / Não pode ser salva a vida que já se extinguiu").

<sup>24</sup> E também a Ulisses, uma vez que esse era perseguido por Possêidon e auxiliado sobretudo por Atena.

<sup>25</sup> Podemos nos lembrar do mito de Télefo, que amiúde é citado por Ovídio em sua obra; falaremos mais abaixo sobre as aparições deste mito nos *Tristes*.

Prata, Patricia  
*Tristes* II de Ovídio: um pedido a Augusto

homérico.<sup>26</sup> Reforça sua argumentação através do paralelo que estabelece entre si e Ulisses: enquanto este é um guerreiro auxiliado pelos deuses, o protagonista elegíaco é um fraco, pois não está acostumado às armas, e está a vagar sem auxílio divino, ademais Ulisses está voltando a sua terra e ele está a caminho do exílio (I, 5, 71-84)<sup>27</sup>. Em III, 11, 61-62, o protagonista dos *Tristes* novamente se compara a Ulisses para dizer quão mais desafortunada é sua sorte em relação a ele, uma vez que a cólera do deus que o persegue é maior que a de Netuno, o deus que o acossa.<sup>28</sup>

Em IV, 4, 15-18, diz que Augusto não pode proibi-lo de cantá-lo, uma vez que ele, assim como Júpiter, é patrimônio de todos: Júpiter, como afirma, aceita ser cantado pelo poetas.<sup>29</sup> Em IV, 4, 20, deixa clara a comparação entre Augusto e Júpiter: diz que a divindade do primeiro é constatada pelos olhos, a do outro, pela crença (*Quorum hic aspicitur, creditur ille deus*)<sup>30</sup>, e em IV, 4, 45 novamente o nomeia deus, quando diz que ele sabe que o ato que

---

<sup>26</sup> *Pro duce Neritio, docti, mala nostra, poetae, / Scribite: Neritio nam mala plura tuli. / Ille breui spatio multis errauit in annis / Inter Dulichias Iliacasque domos: / Nos freta sideribus totis distantia mensos / Detulit in Geticos Caesaris ira sinus. / Ille habuit fidamque manum sociosque fideles; / Me profugum comites deseruere mei. / Ille suam laetus patriam uictorque petebat; / A patria fugi uictus et exul ego; / Nec mihi Dulichium domus est Ithaceue Samosue, / Poena quibus non est grandis abesse locis, / Sed quae de septem totum circumspicit orbem / Montibus, imperii Roma deumque locus.* (“Em vez do rei de Nérito, ó doutos poetas, meus males / Descrevei: pois coisas piores do que o Nerício suportei. / Ele, em curto espaço, por muitos anos errou / Entre suas sedes dulíquias e ilíacas: / A mim, navegando mares de todas as constelações distantes, / Levou a ira de César para os litorais géticos. / Ele teve não só um fiel exército como também companheiros fiéis; / A mim banido meus companheiros abandonaram. / Ele feliz e vitorioso a sua pátria demandava; / Da pátria vencido e exilado parto eu; / Não é meu lar Dulíquio ou Ítaca ou Samos, / De cujos lugares estar longe não é grande castigo, / Mas Roma, que observa todo o orbe de suas sete / Colinas, do império e dos deuses a sede”).

<sup>27</sup> *Illi corpus erat durum patiensque laborum, / Inualidae uires ingenuaeque mihi. / Ille erat adsidue saeuus agitatus in armis; / Adsuetus studiis mollibus ipse fui. / Me deus oppressit nullo mala nostra leuante; / Bellatrix illi diua ferebat opem, / Cumque minor Ioue sit tumidis qui regnat in undis, / Illum Neptuni, me Iouis ira premit. / Adde quod illius pars maxima ficta laborum; / Ponitur in nostris fabula nulla malis. / Denique quaesitos tetigit tamen ille penates, / Quaeque diu petiit, contigit arua tamen; / At mihi perpetuo patria tellure carendum, / Ni fuerit laesi mollior ira dei.* (“Ele tinha um corpo forte e resistente aos labores, / Forças débeis e fracas tenho eu. / Ele incessantemente se exercitava nas impetuosas armas; / Acostumado a delicadas ocupações eu fui. / A mim um deus perseguiu, sem nenhum a aliviar nossos males; / A ele a diva guerreira levava auxílio / E, sendo inferior a Jove aquele que reina sob as tímidas ondas, / A ele a ira de Netuno perseguiu, a mim a de Jove. / Acresce que uma grande parte de seus labores foi inventada; / Não se conta em nossos males nenhuma fábula. / Por fim, todavia, ele tocou os procurados penates / E os campos que há muito buscava finalmente encontrou; / Mas, devo-me privar para sempre da terra pátria”).

Se não se tornar mais branda a ira do deus ofendido.

<sup>28</sup> *Crede mihi, si sit nobis collatus Vlixes, / Neptunine minor est quam Iouis ira fuit.* (“Acredita-me, se a mim for comparado Ulisses, / É menor de Netuno a cólera que foi a de Júpiter”).

<sup>29</sup> *Nec prohibere potest, quia res est publica Caesar, / Et de communi pars quoque nostra bono est. / Iuppiter ingeniis praebet sua numina uatum, / Seque celebrari quolibet ore sinit.* (“Nem pode proibi-lo, pois César é patrimônio de todos, / E do bem comum uma parte também é minha. / Júpiter concede ao engenho dos poetas sua majestade / E consente ser celebrado por qualquer boca”).

<sup>30</sup> “Das quais [divindades] uma se vê e a outra se crê que é um deus.”



Prata, Patricia  
*Tristes* II de Ovídio: um pedido a Augusto

o condenou foi um erro, não um crime: *Idque deus sentit*<sup>31</sup> (grifo nosso). Também na elegia II e em V, 2b, que são dirigidas ao imperador, Ovídio o chama diretamente de deus; em II, 37-40, diz que, a exemplo de Júpiter, chamado de pai e senhor dos deuses<sup>32</sup>, Augusto foi nomeado senhor e pai da pátria<sup>33</sup>, adotando o caráter do deus que porta o mesmo título; em V, 2b, 2, compara-o declaradamente a Júpiter: *Si fas est homini cum Ioue posse loqui*<sup>34</sup>.

Como vemos, Augusto é apresentado como um deus ora clemente ora punitivo. Ao comparar Augusto a um deus e ao traçar seu caráter ao mesmo tempo indulgente e colérico, como já dissemos, a sorte do protagonista dos *Tristes* é comparada à de grandes heróis, pois, como esses, especialmente como Enéias e Ulisses, tem auxílio divino ao mesmo tempo em que sofre represália de algum deus contrário. A clemência de Augusto, todavia, é mais enfatizada por Ovídio do que sua cólera. Na elegia V, 8, escrita a um detrator, Ovídio relata essa qualidade de Augusto. Nos versos 25-32<sup>35</sup>, Augusto é exaltado por sua clemência, característica da qual o próprio imperador se vangloriava, quando relata nas *Res gestae* a generosidade que teve para com os vencidos da guerra civil, através de sua célebre frase *uictorque omnibus ueniam petentibus ciuibus peperci*.<sup>36</sup>

Retornando à elegia I, 2, observamos que a tentativa de Nasão de procurar a todo momento persuadir os deuses a ajudá-lo caracteriza essa elegia como uma *suasoria* em versos, como o livro II, segundo Della Corte (OVIDIO, 1973, p. 211) e G. Ferrara (1944, p. 14). Por isso, ambos identificam a seguinte organização em I, 2: o *exordium* (vv. 1-18), a *narratio* (vv. 19-56), a *tractatio* (vv. 57-94) e a *peroratio* (vv. 95-110). Levando-se em consideração a divisão proposta pelos autores, podemos dizer que o *exordium* se caracteriza pela primeira invocação feita por Ovídio aos deuses, quando, ao fazer referência ao jogo de

---

<sup>31</sup> “E isso o sabe o deus”

<sup>32</sup> *Iure igitur genitorque deum rectorque uocatur, / Iure capax mundus nil Ioue maius habet. / Tu quoque, cum patriae rector dicare paterque, / Vtere more dei nomen habentis idem.* (“Com razão, pois, pai e senhor dos deuses é chamado, / Com razão no vasto mundo nada há maior que Jove. / Também tu, quando te nomearam senhor da pátria e pai / Adota o caráter do deus que porta o mesmo título”)

<sup>33</sup> Augusto recebeu o título de *Pater Patriae* em 2 a.C.

<sup>34</sup> “Se se permite aos homens poder com Jove falar.”

<sup>35</sup> *Vel quia nil ingens ad finem solis ab ortu / Illo, cui paret, mitius orbis habet. / Scilicet ut non est per uim superabilis ulli, / Molle cor ad timidus sic habet ille preces, / Exemploque deum, quibus accessurus et ipse est, / Cum poenae uenia plura roganda petam: / Si numeres anno soles et nubila toto, / Inuenies nitidum saepius isse diem.* (“Seja porque o imenso mundo, do nascer ao pôr do sol, / Nada tem mais indulgente que ele, a quem obedece. / De fato, assim como ninguém o pode vencer pela força, / Tem um coração sensível para as tímidas súplicas, / E, a exemplo dos deuses, para junto dos quais ele próprio ascenderá, / Procurarei, com o perdão da pena, coisas mais para pedir: / Se numerares em todo o ano os sóis e as nuvens, / Verás que dias claros foram mais freqüentes.”)

<sup>36</sup> “E vencedor, poupei a todos os cidadãos que pediam perdão” (*Res g.*, III, 1, 14-15 – tradução nossa).

Prata, Patricia  
*Tristes II de Ovídio: um pedido a Augusto*

forças divino que se instaura na *Eneida*, coloca-se na mesma situação do herói épico e introduz seu tormento em meio ao mar. A *narratio* é a parte em que o protagonista conta detalhadamente todo o aspecto da tempestade, fazendo a todo momento referência à descrição da procela apresentada no canto I. Na *tractatio*, Nasão invoca novamente os deuses, mas aqui seu discurso se apresenta mais incisivo: Ovídio faz uso de vários artifícios retóricos para tornar sua súplica mais persuasiva.

Na *peroratio*, o protagonista desfecha sua súplica, apelando para o discernimento divino, através da exposição da sua dedicação e obediência para com Augusto. O protagonista invoca a onisciência divina em relação ao motivo que o condenou ao exílio, motivo esse que Ovídio descreve como erro e não como crime, como um ato insensato, mas não criminoso (I, 2, 97-100).<sup>37</sup> Percebe-se que Ovídio utiliza nesse excerto, bem como em quase todo o epílogo, a conjunção *si* para apresentar tanto sua inocência quanto sua *pietas*, caracterizada aqui como a lealdade e fidelidade que dispensava para César e seus familiares (I, 2, 101-106).<sup>38</sup> A repetição da conjunção condicional *si*, comum em preces<sup>39</sup>, coloca Ovídio na posição de um subserviente aos deuses e, ao mesmo tempo, na de um suplicante insistente, pois tenta a todo custo obter a remissão de seus males.

De acordo com G. Ferrara (OVIDIO, 1944, p. 14) e Della Corte (OVIDIO, 1973, p. 211), Nasão, durante a *peroratio*, dirige-se indiretamente a Augusto, invocando os deuses como testemunhas de sua lealdade e boa fé. Ovídio, então, apresenta sua “defesa” a Augusto, o “juiz” supremo, almejando obter sua clemência. Defende-se através de sua *pietas*,

<sup>37</sup> *Si tamen acta deos nunquam mortalia fallunt, / A culpa facinus scitis abesse mea. / Immo ita, si scitis, si me meus abstulit error / Stultaque mens nobis, non scelerata fuit* (grifos nossos - “Se, todavia, os atos dos mortais nunca aos deuses enganam, / Sabeis que do meu erro ausenta-se o crime. / Ora pois, se sabeis que é assim, se meu erro arrebatou-me / E meu espírito foi insensato, não criminoso”).

<sup>38</sup> *Quod licet et minimis, domui si fauimus illi, / Si satis Augusti publica iussa mihi, / Hoc duce si dixi felicia saecula proque / Caesare tura pius Caesaribusque dedi, / Si fuit hic animus nobis, ita parcite, diui! / Si minus, alta cadens obruat unda caput!* (grifos nossos - “Se, o que é permitido até aos mais humildes, dediquei-me àquela casa, / Se as ordens de Augusto para mim eram lei, / Se disse que, sob seu império, eram venturosos os séculos / E a César e aos Césares, pio, ofereci incenso, / Se foi esta minha intenção, poupai-me, ó deuses! / Se não, ao precipitar-se, cubra uma imensa onda minha cabeça!”).

<sup>39</sup> Observe a presença de tal conjunção na súplica de Anquíses (canto II) e na de Catulo (poema LXXVI): *En.*, II, vv. 689-691: “*Iuppiter omnipotens, precibus si flecteris ullis, / aspice nos, hoc tantum, et, si pietate meremur, / da deinde auxilium, pater, atque haec omina firma.*” (grifos nossos - “Júpiter onipotente, se te abrandam algumas preces, / Olha-nos, somente isso, e, se pela piedade merecemos, / Dá-nos, então, auxílio, pai, e estes presságios confirma.” – tradução nossa); *Cat.*, LXXVI, vv. 17-22: *O dei, si uestrum est misereri, aut si quibus unquam / Extremam iam ipsa in morte tulistis opem, / Me miserum aspiciate et, si uitam puriter egi, / Eripite hanc pestem perniciemque mihi, / Quae mihi suprepens imos ut torpor in artus / Expulit ex omni pectore laetitia.* (grifos nossos - “Ó deuses, se é próprio de vós a compaixão ou se a alguém, alguma vez, / À beira da morte levastes o derradeiro auxílio, / Dirigi vosso olhar para este infeliz e, se tenho vivido com integridade, / Arrancai de mim esta peste e esta desgraça, / Que, como um torpor, se infiltrando no fundo de meus membros, / Expulsou de todo o meu coração as alegrias” - trad.: Paulo Sérgio de Vasconcellos, 1991).

Prata, Patricia  
*Tristes II* de Ovídio: um pedido a Augusto

demonstrada pelas suas atitudes para com a família do imperador, e pela afirmação de que seu crime foi apenas um erro, um ato insensato. Essa interpelação indireta a Augusto torna a súplica de Ovídio mais persuasiva, uma vez que todos os motivos apresentados aos deuses para que o livrem de seus infortúnios - como a tempestade, uma possível morte *praeter naturam* - são, na verdade, endereçados a Augusto, retratado, como vimos, como divindade. Ademais, Ovídio reforça sua argumentação ao alegar, durante seu pedido de perdão, ser *pius* (I, 2, 104), pois essa é a característica por excelência de Enéias.

### 3. O livro II

Ovídio, nesse livro, suplica por sua sorte a Augusto, como também pede desculpas por seu erro, o qual é atribuído por ele a sua obra *Arte de amar*. Desse modo, tem de criar para si uma imagem, um *ethos* que agrade a Augusto e que consiga persuadi-lo a perdoar-lhe ou amenizar sua pena, enviando-o para um outro local de exílio. Como ele deixa claro em tal elegia, a épica é o gênero apreciado pelo imperador, por isso se vale dela e de seus elementos para compor seu discurso e o caráter do “eu” poético.

Como já dissemos no item I deste texto, tal livro, diferentemente dos demais, é composto por uma elegia única de 578 versos, a qual se configura como uma apologia, construída como uma *suasoria*. Essa elegia, de acordo com Ciccarelli (2003, p. 6), encontra-se retoricamente dividida da seguinte forma: vv. 1-26 – *exordium* ou *proemium*; vv. 27-28 – breve *propositio*; vv. 29-572 – *tractatio* (vv. 29-154 – *probatio* e vv. 207-572 – *refutatio*); vv. 573-578 – *peroratio*).

No *exordium*, o poeta se pergunta por que volta para a arte que o condenou, a poesia: o protagonista se compara ao gladiador que, mesmo vencido, retorna à arena, bem como ao navio já naufragado que volta para as águas revoltas (II, 17-18).<sup>40</sup> Para se justificar, Ovídio

---

<sup>40</sup> *Scilicet ut uictus repetit gladiator arenam / Et redit in tumidas naufraga puppis aquas.* (“Assim como o vencido gladiador retorna à arena / E volta em tûmidas águas o navio já naufragado”). Em IV, 1, 14-17, Ovídio fala como escrever lhe mitiga os sofrimentos, assim como a lira aliviava os tormentos de Aquiles e o canto, o de Orfeu. (*Fertur et abducta Lyrneside tristis Achilles / Haemonia curas attenuasse lyra. / Cum traheret silvas Orpheus et dura canendo / Saxa, bis amissa coniuge maestus erat.* – “E conta-se que, após lhe arrebataram a Lirnessíade, triste Aquiles / Mitigava os tormentos com a lira emônia. / Quando Orfeu arrastava os bosques e as duras rochas / Com seu canto, infeliz estava com a dupla perda da esposa.”). Complementa seu argumento, em IV, 1, 30-32, através de uma comparação com a Odisséia, quando diz que ama a poesia, mesmo ela o tendo lesado, assim como o sabor nocivo do lótus agrada aos dulíquios (*Et carmen demens carmine laesus amo. / Sic noua Dulichio lotos gustata palato / Illo quo nocuit grata sapore fuit.* – “E, louco, amo a poesia, eu que fui pela poesia prejudicado. / Assim o ignoto lótus provado pelo paladar dos dulíquios / Agradou pelo mesmo sabor que o tornava nocivo.”)

Prata, Patricia  
*Tristes* II de Ovídio: um pedido a Augusto

faz referência, em II, 19-20<sup>41</sup>, ao mito de Télefo, já aludido em I, 1, 99-100<sup>42</sup>, pois somente o que lhe causou a ferida lhe trará a cura: ferido por Aquiles ao combater os gregos, Télefo só poderia ser curado, como lhe predisse o oráculo de Apolo, por quem causou seu ferimento, isto é, pelo próprio Aquiles.

O mito de Télefo também é retomado por Ovídio em V, 2, e, indiretamente, em IV, 5. Em V, 2, 15-18<sup>43</sup>, o protagonista comenta a sua mulher, a quem endereça tal elegia, que sua ferida não cicatrizou com o passar do tempo, pelo contrário, está aberta, à espera que a feche quem a abriu, estabelecendo, assim, a mesma comparação entre Augusto e Aquiles e Ovídio e Télefo que encontramos em I, 1. Em IV, 5, 21-22<sup>44</sup>, não há referência direta a Télefo, mas se estabelece a mesma relação presente em tal mito, a de que só pode curar quem feriu; Ovídio nos diz que só pode salvá-lo quem o mandou aos Infernos, comparando seu exílio à morte e Augusto, nesse caso, a um deus. Através dessa alusão, Ovídio compara-se a Télefo, bem como associa Augusto a Aquiles: Augusto seria a única pessoa que poderia livrá-lo do exílio, uma vez que fora ele mesmo quem infligira essa pena.

Contudo, diferentemente da elegia I, 1, 99-100 e V, 2, 15-18, em que havia clara uma aproximação entre Augusto e Aquiles e Ovídio e Télefo, e da IV, 5, 21-22, em que podemos dizer que Augusto é comparado a um deus, temos que em II, 19-20 Ovídio se compara a Télefo e a escrita a Aquiles: somente a mesma escrita que o condenou, pode salvá-lo, pois é através dela que ele tentará persuadir Augusto a perdoar-lhe.

Na *tractatio*, parte em que o poeta apresenta seus argumentos para tentar provar que o motivo de sua condenação foi um erro, não um crime, Ovídio, nos versos II, 317-318, faz referência direta à história de Tróia: *Cur non, Argolicis potius quae concidit armis, / Vexata est iterum carmine Troia meo?*<sup>45</sup> Como a causa oficial de seu exílio é atribuída aos livros que compõem sua *Arte de amar*, o poeta lamenta por não ter escrito uma epopéia, mas versos amorosos. Arrepende-se por não ter contado novamente a destruição de Tróia, como o fez

<sup>41</sup> *Forsitan, ut quondam Teuthrantia regna teneti / Sic mihi res eadem uulnus opemque fert.* (“Talvez, como outrora ao que regia o reino de Teutrante, / Assim a mesma coisa me trará a ferida e a cura”).

<sup>42</sup> *Namque ea uel nemo uel qui mihi uulnera fecit, / Solus Achilleo tollere more potest.* (“Pois esses, ou ninguém ou somente aquele que me feriu, / Como Aquiles, pode curar”).

<sup>43</sup> *Telephus aeterna consumptus tabe perisset, / Si non, quae nocuit, dextra tulisset opem. / Et mea, si facinus nullum commisimus, opto, / Vulnera qui fecit, facta leuare uelit.* (“Télefo, consumido por uma chaga eterna, teria morrido, / Se a destra que o feriu não lhe trouxesse o remédio. / E minhas feridas, se nenhum crime cometi, espero / Que as queira tratar quem as abriu”).

<sup>44</sup> *Et tutare caput nulli seruabile, si non / Qui mersit Stygia subleuet illud aqua.* (“E defende minha cabeça, que ninguém pode salvar, caso não / A resgate quem a afundou nas águas estíguas”).

<sup>45</sup> “Por que não antes Tróia, que sucumbiu pelas armas argólicas, / Mais uma vez não padeceu em meus versos?”).

Prata, Patricia  
*Tristes II de Ovídio: um pedido a Augusto*

Homero e sobretudo Virgílio, bem como de não ter usado Roma como assunto de seus versos, uma vez que é uma atitude pia narrar os feitos da pátria (II, 322)<sup>46</sup>; a falta de engenho, contudo, não lho permitiu (vv. 327-336)<sup>47</sup>. O advérbio *iterum* aponta a *Eneida* como o principal modelo aqui, pois foi Virgílio, em seu canto II, que melhor descreveu os últimos acontecimentos da cidade antes de sua ruína; ainda que a *Ilíada* relate a guerra de Tróia, sabemos que ela foca mais a história de Aquiles do que a de Tróia em si. Também o adjetivo *pius*, usado para caracterizar a escrita dos feitos pátrios, como vimos acima, faz referência à épica virgiliana, pois retoma uma das grandes qualidades de Enéias, a *pietas*: Enéias é o herói *pius* por excelência.

Podemos observar ainda que a obra de Virgílio é citada e nomeada em II, 533 (*Et tamen ille tuae felix Aeneidos auctor*)<sup>48</sup>. Além de nomear a epopéia virgiliana, Ovídio alude a ela, no v. 534, quando cita a expressão *arma uirumque*, que faz referência direta a seu verso de abertura.<sup>49</sup> Em V, 10, 3-4, Ovídio compara o tempo de seu exílio ao da guerra de Tróia. Embora o poeta relate que se tenham passado apenas três invernos desde que chegou a Tomos, a sensação que tem é de que se passaram tantos anos quantos Tróia ficou em poder dos inimigos.<sup>50</sup> Como observamos, o poeta retoma frequentemente a desdita de Tróia para demonstrar ao destinatário, Augusto, a profundidade de seus sofrimentos e, com isso, persuadi-lo a perdoar-lhe ou mitigar sua pena.

#### 4. A título de conclusão

Não se pode esquecer de que a *Eneida* era a obra mais significativa e cara para Augusto - de acordo com Conte (CONTE, 1994, 2634), baseado em um fragmento de carta não referenciada, “parece que o imperador acompanhou o desenvolvimento do trabalho com

---

<sup>46</sup> *Et pius est patriae facta referre labor* (grifo nosso – “E pio é o labor de narrar os feitos da pátria.”).

<sup>47</sup> *Tenuis mihi campus aratur; / Illud erat magnae fertilitatis opus. / Non ideo debet pelago se credere, si qua / Audet in exiguo ludere cumba lacu. / Forsan et hoc dubitem numeris leuioribus aptus / Sim satis, in paruos sufficiamque modos. / At si me iubeas domitos Iouis igne Gigantes / Dicere, conanem debilitabit onus. / Diuitis ingenii est inmania Caesaris acta / Condere, materia ne superetur opus.* (“Acusam-me injustamente. Aro um humilde campo, / Aquele tipo de obra exigia grande fertilidade. / Se alguma canoa se aventura a brincar num pequeno lago, / Nem por isso deve se confiar ao pélagos. / Talvez também isto eu coloque em dúvida: se sou em versos ligeiros / Bastante hábil, se tenho fôlego para breves composições. / Mas se me ordenas cantar os Gigantes vencidos com o raio / De Jove, o peso me debilitará ao tentar. / Só alguém de fecundo engenho para narrar as notáveis / Proezas de César, para que a obra esteja à altura da matéria.”).

<sup>48</sup> “E, não obstante, aquele afortunado autor da tua *Eneida*”.

<sup>49</sup> *Contulit in Tyrrios arma uirumque toros* (“Conduziu as armas e o varão aos leitões tírios”).

<sup>50</sup> *At mihi iam uideor patria procul esse tot annis / Dardana quot Graio Troia sub hoste fuit.*

Prata, Patricia  
*Tristes* II de Ovídio: um pedido a Augusto

grande interesse pessoal”<sup>51</sup> - pois ela funda miticamente a história de Roma, e não podemos nos esquecer de que Enéias é um dos personagens mais caros ao imperador, uma vez que Virgílio estabelece na épica uma relação de parentesco entre ele e o fundador mítico do povo romano. A filiação mítica dos romanos aos troianos se encontra bem caracterizada na *Eneida*, sobretudo em sua segunda parte: no canto VI, nos Infernos, o pai de Enéias, dentre outras coisas, lhe relata a série dos reis albanos e os heróis de Roma, entre eles Júlio César, Augusto e Marcelo, sobrinho de Augusto; no VIII, Evandro mostra a Enéias os lugares que tornariam célebres futuramente em Roma, e o herói admira as figuras em relevo do escudo feito por Vulcano, as quais também são alusivas aos destinos de sua descendência.

Como vimos, Nasão busca a todo o momento traçar semelhanças entre o seu infortúnio e o de Enéias e, por conseqüência, entre ele e o protagonista da *Eneida*, construindo para si uma imagem híbrida de um “herói” elegíaco. Colocando-se na mesma posição do personagem épico, o protagonista elegíaco se atribui um caráter de “herói” às avessas, pois sua *persona* é um misto, composta de características elegíacas e épicas. O protagonista dos *Tristes* possui todos os valores mais determinantes do herói da *Eneida* - a *pietas*, a bravura - bem como o mesmo fado - o desterro da pátria amada e as desgraças sofridas durante a viagem para o exílio, as guerras enfrentadas durante o desterro, uma mulher e amigos dignos de si, enfim, um fado em comum; contudo, não se encontra em um contexto épico, mas sim elegíaco. De todo modo, ao revestir-se da couraça do herói virgiliano, o personagem elegíaco apresenta-se como um *alter Aeneas* às avessas.

Segundo Fowler (2002), a intertextualidade exerce um papel importante na construção do personagem. Como nos diz, conforme observação de Oliver Lyne<sup>52</sup>, “os personagens aludem’: a personagem Dido é construída pela sua intertextualidade com Circe, Nausica, Calipso, Penélope, Medéia (em Eurípides e em Apolônio), Ariadne, Ajax, Fedra, Semíramis, Cleópatra...; a de Augusto, com Júpiter, Hércules, Enéias Rômulo, Numa, Alexandre, Fábio Máximo, César (sob rasura?...)” (LYNE, 1992, p. 120)<sup>53</sup>, o que significa dizer que qualquer

---

<sup>51</sup> “It seems that Augustus followed the development of the work with great personal interest, as we learn from a fragment of a letter.”

<sup>52</sup> A edição citada por Fowler é de 1987, a que temos em mãos data de 1992. (A numeração das páginas do capítulo citado, Cap. 3, “Allusion”, p. 100-44, é a mesma em ambas as edições).

<sup>53</sup> “(...) ‘characters alude’: the character of Dido is constructed out of her intertextuality with a superset of Circe, Nausicaa, Calypso, Penelope, Medea (in Eurípides and in Apollonius), Ariadne, Ajax, Phaedra, Semiramis, Cleopatra..., that of Augustus out of Jupiter, Hercules, Aeneas, Romulus, Numa, Alexander, Fabius Maximus, Caesar (under erasure?...).” A edição citada por Fowler é de 1987, a que temos em mãos data de 1992. (A numeração das páginas do capítulo citado, o terceiro, “Allusion”, é a mesma em ambas as edições).

Prata, Patricia  
*Tristes* II de Ovídio: um pedido a Augusto

personagem é construído a partir de referências que fazem a outros. É o que divisamos nos *Tristes*: o caráter de seu personagem é moldado, levando-se em conta, por exemplo, conforme a leitura que fizemos, personagens épicos, sobretudo Enéias. Aceitando que uma das facetas do caráter desse personagem carrega traços épicos, tornamo-lo mais complexo, pois ele deixa de ser apenas a imagem nua e crua de seu autor, com o qual se confunde, como já comentamos, passando a apresentar elementos de outros personagens, os quais se fundem e passam a compor sua *persona*.

Assim, podemos dizer que o jogo alusivo presente no livro II (bem como nos demais livros dos *Tristes*) reafirma seu tom laudatório e persuasivo: o poeta deixa claro na elegia II que a épica é o gênero apreciado pelo imperador, por isso se vale dela, sobretudo da *Eneida* virgiliana, e de seus elementos para compor seu discurso e o caráter do “eu” poético.

### **Bibliografia**

- CATULO. *Poèsies*. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris, Les Belles Lettres, 1958.
- \_\_\_\_\_. *O cancionero de Lésbia*. Introdução, tradução e notas de Paulo Sérgio Vasconcellos, São Paulo: HUCITEC, 1991.
- CICCARELLI, I. *Commento al II libro dei “Tristia” di Ovidio*. Bari: Edipuglia. 2003
- CONTE, G. B. “Ovid” in: *Latin Literature: a History*. Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press. 1994
- FOWLER, D. “On the shoulders of giants: intertextuality and classical studies”, in: *Roman constructions. Readings in postmodern Latin*. Oxford: Oxford University, 2000
- HORACE. *Épitres*. Texte établi et traduit par François Villeneuve. Paris, Les Belles Lettres, 1955.
- LYNE, R.O.A.M.. *Further Voices in Vergil’s ‘Aeneid’*. Oxford: Clarendon, 1992, pp. 100-144.
- OVIDE. *Tristes*. Texte établi et traduit par Jacques André. Paris, Les Belles Lettres. 1987.
- OVIDIO. *I Tristia*. Volume secondo. Commento a cura di Francisco Della Corte. Genova-Sestri: Tilgher-Genova. 1973.
- \_\_\_\_\_. *Tristium*. Lib. I e II. Illustr. da G. Ferrara. S.1: Sn,. 1944.
- PETERSMANN, H. “Muerte, alma y más allá em la creencia popular de los griegos y los romanos desde el punto de vista lingüístico”, in: *Los estudios clásicos ante el cambio de milenio. Vida, muerte, cultura*. Tomo II. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2002, pp. 262-278.

Prata, Patricia  
*Tristes II* de Ovídio: um pedido a Augusto

PRATA, P. *O Caráter Intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*. Tese de Doutorado. Campinas, Departamento de Lingüística do IEL- Unicamp. 2007.

*RES Gestae Diui Augusti*. Texte établi et commenté par Jean Gagé. Paris: Belles Lettres, 1950.

\_\_\_\_\_. Edición, traducción y comentario de Juan Manuel Cortés. Madrid: Clásicas, 1994.

VASCONCELLOS, P. S. de. *Efeitos intertextuais na “Eneida” de Virgílio*. São Paulo, Humanitas/Fapesp, 2001.

VIRGILE. *Énéide*. Texte établi et traduit par Jacques Perret. Paris: Belles Lettres, 1981.

VIRGÍLIO. *Eneida Brasileira: tradução poética da epopéia de Públio Virgílio Maro*. Organização Paulo Sérgio de Vasconcellos et al.; tradução Manoel Odorico Mendes. Campinas, Editora da Unicamp, 2008

[Recebido em fevereiro de 2009; aceito em julho de 2009.]